



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ANDRÉIA SANTOS NASCIMENTO

**O COTIDIANO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE
CONVIVEM COM O ALCOOLISMO NA FAMÍLIA**

Brasília – DF

2014

ANDRÉIA SANTOS NASCIMENTO

**O COTIDIANO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE
CONVIVEM COM O ALCOOLISMO NA FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

Professor Orientador: Mestre Flávia Mazitelli

Brasília – DF

2014

Nascimento, Andréia Santos

O cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o alcoolismo na família /
Andréia Santos Nascimento – Brasília, 2014.

50 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia,
2014.

Orientador: Profa. Mestre Flávia Mazitelli, Faculdade de Ceilândia.

1.Cotidiano 2. Alcoolismo 3. Família

ANDRÉIA SANTOS NASCIMENTO

O COTIDIANO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE
CONVIVEM COM O ALCOOLISMO NA FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Orientadora Mestre Flávia Mazitelli
Universidade de Brasília

Profa. Doutora Andrea Gallassi
Universidade de Brasília

Mestre Jacqueline A.P. de Sant'Ana
T.O do Hospital Universitário de Brasília-HUB

Brasília, 10 de junho de 2014

Dedico aos meus pais que nunca mediram
esforços para que eu alcançasse sucesso e
por sonharem juntamente comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, minha fonte inesgotável de vida e de consolo, meu caminho, meu guia, autor da sabedoria, em quem firmo minha fé. Nossa relação em tudo é o que me fundamenta, é o que faz parte da minha essência. Agradecê-lo primeiramente não é clichê, é prova de gratidão por ter um amor verdadeiro.

Agradeço aos meus pais, por tanta paciência, carinho e apoio incondicional, igual a vocês não há em nenhum outro lugar do mundo, vocês são únicos. São tantas etapas concluídas e agora mais esta e nisso tudo, o mérito é de vocês.

Aos professores da Universidade de Brasília, em especial os de Terapia Ocupacional, meu muito obrigada por compartilhar conhecimento, aprendi muito e vou levar sempre comigo esse aprendizado.

Devo minha gratidão também a minha orientadora Flávia Mazitelli, sempre tão solícita em me ajudar. Não foi um caminho fácil, mas graças a sua disponibilidade, compreensão e parceria conduziu este trabalho com maestria. Muito obrigada!

Às preceptoras dos estágios, Thais Lima e Jacqueline Sant'Ana, vocês me acrescentaram de diversas coisas não só acadêmicas, mas profissionais e pessoais. Ajudaram-me a crescer como pessoa e isso foi bastante significativo na minha vida. Serei sempre grata a vocês.

Aos meus amigos e amigas por permanecerem tão presentes em minha vida, mesmo quando eu estava distante me dedicando a escrita desse trabalho.

À Universidade de Brasília, em especial à Faculdade de Ceilândia- FCE. Querida e desejada FCE, quem te viu e quem te vê! Foram muitos anos aqui dedicados e tenho orgulho pela oportunidade de ter feito parte dessa academia e de ter atuado na história da Faculdade de Ceilândia. Tenho certeza que há muito por vir ainda, para nós.

RESUMO

Introdução- A abordagem sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o alcoolismo na família envolve uma série de questões complexas e psicossociais que foram investigados nesta revisão bibliográfica. **Objetivos-** Compreender o cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o problema do alcoolismo na família a partir de artigos, identificar os possíveis acontecimentos e danos relacionados à esse público e descrever como o alcoolismo interfere no dia a dia desses indivíduos que possuem membros alcoolistas na família. **Metodologia-** Pesquisa qualitativa, através de revisão bibliográfica de artigos entre 2010 e 2014, nas bases de dados Biblioteca Regional de Medicina/Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME/BVS), a Biblioteca Científica Eletrônica em Linha (Scientifica Eletronic Library Online-SciELO) e o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) aonde foram identificados 26 estudos. A análise dos dados se deu pela análise de conteúdo a qual resultou em duas categorias temáticas: *Relacionamentos familiares e o álcool* e *Alcoolismo na família e a violência*. **Resultados-** Constatou-se que crianças e adolescentes que possuem membros alcoolistas na família tendem a ter um cotidiano conflituoso e conturbado, cercado por violência, agressividade e outras características capazes de influenciar positivamente ou negativamente o seu futuro. **Conclusão-** Diante dos resultados obtidos neste trabalho, pode-se concluir que somos o espelho do nosso cotidiano, somos por ele influenciados, mas também o influenciamos.

Palavras-chave: Álcool, Criança, Adolescente, Família.

ABSTRACT

Introduction- The approach on the daily life of children and teenagers who have to live with alcoholism in their families, involves several complex and psychosocial issues which were investigated in the present literature review. **Objectives-** Understand the daily life of children and teenagers who have to live with alcoholism in the family, based on articles, identify possible events and damages related to this group and describe how alcoholism affects those individuals who have alcohol dependent among the family members. **Methodology-** Qualitative research, by means of a literature review of articles from 2010 to 2014, available at the database of the Regional Medical Library/Virtual Health Library (BIREME/BVS), Scientific Electronic Library Online-SciELO and the Journals Portal of the Coordination area for Developing High Education Personnel (Capes), where 26 studies were identified. Data analyses was accomplished by analyzing the content, resulting in two themes: 1- Family Relationship and alcohol, 2- Alcoholism in family and violence. **Results-** It was found that children and teenagers with alcohol dependents in the family are likely to have a conflicted and troubled routine, surrounded by violence, truculence and other characteristics that can positively or negatively affect their future. **Conclusion-** The results obtained lead us to conclude that we are the mirror of our daily life, that we can be influenced by it, but we can either influence it.

Keywords:Alcohol, Child, Adolescent, Family.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	12
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1 Cotidiano	13
3.1.1 Vida Cotidiana.....	14
3.2 Desenvolver-se.....	15
3.3 Infância	16
3.3.1 Breve Histórico.....	16
3.3.2 No Brasil	17
3.3.3 Desenvolvimento da infância	17
3.3.4 O Brincar	18
3.4 Adolescência	19
3.4.1 Adolescer.....	19
3.4.2 Identidade	20
3.4.3 O Estatuto da Criança e do Adolescente em um Breve Histórico	20
3.4.4 Violência	21
3.5 Família.....	21
3.5.1 Papel da mulher na família.....	22
3.5.2 Família Contemporânea	23
3.6 Alcoolismo.....	23
3.6.1 Breve Farmacologia.....	25
3.6.2 Padrões do consumo de álcool	25
3.6.3 Fatores de risco e fatores de proteção	26
3.6.4 Alcoolismo na família.....	27
4 METODOLOGIA.....	28
4.1 Delineamento da Pesquisa	28
4.2 Sujeito da Pesquisa.....	29
4.3 Instrumentos da Pesquisa	29
4.4 Análise de Dados	30
5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
5.1 Relacionamentos familiares e o álcool.....	31
5.2 Alcoolismo na família e a violência.....	37
6 CONCLUSÃO	39
7 REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Complexo. Segundo Ferreira (1988, p.164), autor do renomado dicionário Aurélio, em meio a tantas significações, esta palavra pode ser definida melhor como: “algo que abrange ou encerra muitos elementos ou partes; observável sob diferentes aspectos; confuso, complicado; o conjunto de coisas, fatos ou circunstâncias que tem qualquer ligação ou nexos entre si”. Certamente complexidade poderia ser uma característica que define bem o ser humano e suas atividades diárias.

Uma diversidade de coisas, nem sempre fáceis de entender, formam no mundo, o chamado cotidiano. O cotidiano é cheio de tarefas, atividades, regras, ações, consequências, emoções, enfim, nele está a vida e as formas de viver. As formas de viver são únicas de cada ser, porém nessa unicidade encontramos intervalos e linhas tênues que permitem a generalização de alguns fatos e fases da vida. É nesta parte genérica que nós seres humanos construímos pensamentos e saberes a favor da humanidade e a permanência da sua existência (HELLER, 2000).

Para Vygotsky, o ser humano desenvolve-se na sua relação histórica e cotidiana com o meio que o cerca e os outros indivíduos, o que faz do homem um ser biológico, porém fortemente influenciado por um contexto sócio-histórico (OLIVEIRA, 1992).

A infância não é somente um período de desenvolvimento e maturação do indivíduo biológico e psicológico, é também uma fase geracional e social concebida dentro de contextos por meio dos quais se revela como sujeito (SARMENTO, 2005).

O brincar é uma atividade mental e social onde a criança pode expressar-se e representar sua vida, seu cotidiano, seus sentimentos. O que muitas vezes não é falado é expresso em forma de brincadeira. É sabido da sua importância para o desenvolvimento dos pequeninos, pois o brincar traz vantagens cognitivas, sociais e afetivas. (WAJSKOP, 1995).

Passada a fase da infância vem o período de “adolescer”. Adolescência vem do latim *adolescere* que em seu significado bruto significa *para crescer*, portanto infere-se que esta é uma fase necessária para o crescimento e amadurecimento pessoal compreendendo o período da puberdade e terminando quando o indivíduo tem que assumir

responsabilidades adultas. Essa fase só foi considerada realmente uma fase um período específico de transição da infância para a vida adulta, nos finais dos séculos XIX e início do século XX. Muitos filósofos diziam que a adolescência começa na biologia e termina na cultura. Na biologia devido às mudanças físicas e internas do ser que está em constante mudança. Na cultura porque esta é um fator que influencia fortemente a conduta dos indivíduos que estão nela inseridos. Esta é uma fase de construção da identidade buscando adequar valores, subjetividades, aspectos sociais e pessoais, midiáticos, um *boom* de aspectos a serem adequados para formação de um só indivíduo (TRAVERSO-YEPEZ; PINHEIRO, 2002).

De que forma o desenvolvimento -de uma criança ou de um adolescente- pode ser prejudicado frente a um cotidiano onde ocorre a presença do uso abusivo de álcool na família?

Sabe-se que a família é o primeiro grupo social de um indivíduo e, portanto influencia diretamente e fortemente as fases de vida do sujeito (PRATTA; SANTOS, 2007). O que fazer diante de uma família onde um de seus membros é dependente de álcool? No que isso poderia afetar na vida de uma criança ou de um adolescente?

Não é mais segredo que o álcool tornou-se um grande problema de saúde pública não só local como também mundial. Os custos dessa substância são de ordem: físico-clínica, psicológica e também social. Alguns exemplos que podem ser citados são: conflitos interpessoais e familiares, transtornos mentais, tentativas e homicídios consumados, violência doméstica, lesões corporais, necessidade de ações do sistema de saúde, entre outros. Todos estes exemplos são passíveis de ocorrer quando há o uso indevido e abusivo de álcool. (BRASIL, 2003).

O problema de pesquisa que orientou esse trabalho buscou compreender, através de uma revisão de literatura, o que ocorre no cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o problema do alcoolismo na família, uma vez que existem poucos estudos a respeito desse assunto da maneira como este trabalho pretende observá-lo, e se faz de plena importância não somente acadêmica, mas também social o conhecimento dessa temática, possibilitando possivelmente a ampliação de discussão sobre a questão, pautar posicionamentos e o agregar de olhares para esta realidade. Muito se fala do alcoolista, pouco se fala da família e de seus membros.

2 OBJETIVOS:

Objetivo Geral: Compreender o cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o problema do alcoolismo na família.

Objetivos específicos:

Executar um estudo de literatura sobre os possíveis acontecimentos e danos relacionados a esse público.

Descrever como o alcoolismo interfere no dia a dia desses indivíduos que possuem membros alcoolistas na família.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 COTIDIANO

O conceito de cotidiano não se limita ao dia a dia de uma pessoa apenas, pois busca compreender e identificar outras situações, como o sujeito vê a si mesmo, como ele participa da sociedade, como se posiciona frente à comunidade, como ocorre a vida singular dentro de uma vida comunitária (SALLES; MATSUKURA, 2013).

O cotidiano representa a vida de uma pessoa nos mais diversos aspectos em que ela está inserida: culturalmente; socialmente; profissionalmente, entre outras faces da vida que somadas formam a vida cotidiana e dentro dela existem alternativas, escolhas, subjetividades e significados únicos, isto mesmo, únicos, porque nenhum cotidiano é igual ao outro, cada indivíduo tem o seu próprio cotidiano. Contudo por vezes existem linhas tênues que fazem com que a vida cotidiana de indivíduos distintos se toque e tenham semelhanças na trama da vida. Sim, o cotidiano é tão único e tão genérico assim como nós humanos somos (HELLER, 2000).

A cotidianidade dá-se no encontro do “eu” com o encontro do “nós”, ou seja, do singular com o coletivo procurando estabelecer e satisfazer necessidades de ambos. O ser genérico está sempre voltado para a coletividade, para o “nós” e se manifesta de diferentes formas, como na ciência e nas artes. A cotidianidade por sua vez é variável em diferentes contextos e tempo histórico, mas sempre está atrelada ao singular e ao coletivo e a busca de satisfações pessoais. Os valores de uma sociedade e de um ser acompanham também a cotidianidade de tal forma que são passíveis de mudança conforme a cultura e o tempo; por vezes os valores podem variar dentro de uma mesma sociedade num determinado momento, como exemplo o valor social da castidade que divide opiniões na sociedade contemporânea (GALHEIGO, 2003).

É necessário observar a complexidade do cotidiano e sua diversidade que se divide em micro e macro, isto é, o elo entre sujeito e sua produção social, bem como o cotidiano se constrói na maneira como o sujeito observa a si mesmo, como vive na sociedade, como produz e participa socialmente. Como podemos ver isso vai além de atividades rotineiras da vida cotidiana. (SALLES; MATSUKURA, 2013).

Acredita-se na hierarquia de atividades, isto é, no cotidiano de um indivíduo há uma atividade central que deixa todas as demais atividades subordinadas e interligadas a ela (HELLER, 2000).

O cotidiano dos sujeitos é um espaço de interação social onde as pessoas têm autonomia para tomar decisões e programar ações para se manterem saudáveis (AMEZCUA; ZAMBRANO, 2012).

3.1.1 Vida Cotidiana

A vida cotidiana é o centro real da práxis, onde acontecem as relações sociais. Uma de suas características é a heterogeneidade dos aspectos que a rodeiam capazes de variar conforme contextos, gênero, classes, entre outros aspectos. Possui em si forte relação entre o micro -focado na vida do sujeito em si- e o macro – formado pelas produções sociais e coletivas (SALLES; MATSUKURA, 2013).

Segundo Heller (2000, p.17) “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro” e de fato o é. Diz ainda que “a vida cotidiana é a vida do de todo homem” e isso representa que ao nascer já somos inseridos em uma cotidianidade.

A vida cotidiana é que dá sentido aos mais diversos universos existentes nas formas de se expressar da humanidade, porém muitas vezes pode ser considerada repetitiva, quando a observamos em uma única face, chamada rotina. É nesse contexto que se torna importante a questão de um conhecimento amplo e compartilhado, não só de conceitos, mas também de significados e produção de significados das mais diversas coisas, que são estabelecidas através do chamado senso comum. Portanto, senso comum é o conhecimento compartilhado entre indivíduos pertencentes a uma mesma organização social, ocorrendo a interação de significados comuns entre esses sujeitos. Estes significados podem ser reinventados e diferenciados a depender do contexto, do meio e do tempo (MARTINS, 1998).

Segundo Galheigo (2003, p.105), o “Senso Comum passa a adquirir destaque na pesquisa ao acreditar-se que se tem acesso à realidade social objetiva através da interpretação que as pessoas dela fazem”. Diz também que quando se estuda os fenômenos sociais, o acesso à compreensão das representações sociais no cotidiano se dá através do senso comum e dos saberes populares.

A reflexão sobre as práticas sociais permite mudanças no cotidiano de um sujeito ou até mesmo de uma sociedade. Situações diversas e adversas podem causar rupturas na vida cotidiana de um sujeito, como por exemplo, o adoecimento ou episódios de violência. É possível a aquisição da ressignificação da própria vida e a construção de novos caminhos frente a essas situações (SALLES; MATSUKURA, 2013).

Necessidades radicais fazem com que o sujeito queira e faça uma transformação na sua própria vida (MARTINS, 1998).

3.2 DESENVOLVER-SE

O desenvolvimento humano é ininterrupto e dotado de continuidade para o resto da vida de um sujeito. Dentro do desenvolvimento estão diversos aspectos e fatores que se envolvem para a construção de seres únicos que influenciarão o cotidiano em seus mais diversos contextos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

De acordo com Campos e Francischini (2003, p. 120):

O processo de desenvolvimento consiste na internalização de regras, valores, modos de pensar e de agir ocorrentes nas interações sociais do cotidiano dos sujeitos, nas práticas sociais e discursivas que permeiam as instituições sociais (família, escola, igreja, trabalho...) e os meios de comunicação.

Os fatores que influenciam o desenvolvimento são: hereditariedade, crescimento orgânico, maturação neurofisiológica e o meio. Na hereditariedade está contida toda a carga genética do ser que pode vir a desenvolver-se em todo seu potencial ou não. O crescimento orgânico envolve o aspecto físico. O padrão de comportamento do indivíduo bem como a prática de atividades específicas depende da maturação fisiológica adequada. É sabido que o meio, o ambiente que está em volta do ser, é capaz de estimular e influenciar o comportamento do indivíduo.

A nível didático existem quatro aspectos do desenvolvimento, que são: aspecto físico-motor; aspecto intelectual; afetivo-emocional e social. Esses aspectos bem dissociados didaticamente na prática se misturam. O aspecto físico-motor envolve o corpo do sujeito, sua maturação neurofisiológica, crescimento orgânico e capacidade de exercício em si e manipulação de objetos. A capacidade de raciocínio está dentro do aspecto intelectual. O sentir, a integração particular das experiências está dentro do aspecto afetivo-

emocional. Por fim, o aspecto social, que é como o indivíduo reage em situações que envolvem outras pessoas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Essa divisão do desenvolvimento humano em etapas e características típicas de cada etapa foi criada, aceita e confirmada ao longo dos tempos. A partir dela podemos observar a complexidade de um único indivíduo e como características distintas podem influenciá-lo. A adequação das características das teorias de desenvolvimento aos valores culturais em que se inserem, permite a distribuição de indivíduos em padrões nacionais de desenvolvimento e nas categorias de infância, adolescência, vida adulta e velhice (ALMEIDA; CUNHA, 2003).

3.3 INFÂNCIA

Infância nos remete a inocência, à pureza, à simplicidade. É também a fase contida entre o nascimento e a puberdade, envolve, portanto, um amplo período de crescimento e desenvolvimento (FERREIRA, 1988).

Essa concepção de criança e infância é algo bastante atual e que foi construída aos poucos pela sociedade. Por isso, para compreender as coisas, é sempre bom voltar ao passado, pois as concepções como conhecemos hoje na nossa sociedade contemporânea não se traduzem nas mesmas organizações sociais de antigamente. Não obstante a isso, as crianças no passado não eram vistas como são hoje, essa figura e representação que temos da infância percorreu um longo caminho pra chegar até aqui.

3.3.1 Breve Histórico

A falta de reconhecimento da infância na Antiguidade traduziu-se em altas taxas de mortalidade infantil. Esse fato veio em constante mudança com o tempo e devido a influências culturais, políticas e econômicas. Na verdade as crianças eram vistas como mini adultos e a infância era apenas o período de preparação para a vida adulta (SILVA et. al., 2005).

A infância era um período muito curto antigamente e compreendia a fase de maior dependência da criança, quando esta era muito pequena. Mal a criança ganhava um pouco de independência motora já era misturada à dinâmica de vida dos adultos com seus jogos, trabalhos, festas e tarefas. De fato eram vistos como mini adultos. Essa visão só iria mudar um tempo depois, por volta do século XVII, devido à influência da religiosidade e de outros fatores como a troca da aprendizagem direta entre crianças e adultos pela

escolarização desses sujeitos e a transformação de uma família apenas existencial para uma família que começa a ter laços emotivos (AIRÈS, 1981).

3.3.2 No Brasil

Não há como falar em infância no Brasil sem fazer menção à Roda dos Expostos. Nesta roda aconteciam muitos e muitos abandonos de crianças, que teriam destinos incertos. Essa instituição durou desde o período colonial até a década de 1950.

Após o fim do trabalho escravo, do aumento desordenado das cidades, e a vinda de diversos imigrantes estrangeiros ao Brasil, houve então um período de presença de uma grande quantidade de crianças e adolescentes nas ruas. A solução adotada foram soluções higienistas e eugênicas. Como o grande contingente de crianças e adolescentes nas ruas foi visto como motivo do aumento da criminalidade a área de Direito começou a intervir e interessar-se pela infância (CRUZ; HILLESHEIM; GUARESCHI, 2005).

A definição de criança no século XIX, no Brasil, era de derivação dos que eram criados pelos que lhe deram origem, eram chamadas de crias. Era fortemente existente o abandono de crianças e também o infanticídio, presente entre brancos, índios e negros principalmente devido às fortes influências de classes e as barreiras entre elas existentes. No final do século XX foi que a questão da infância e o que a envolve foi vista de profunda importância para o Brasil nos âmbitos políticos, psicológicos, criminalistas, sociais entre outros. Ocorre também em um momento da história brasileira um amor político republicano que torna a criança um ser que deve ser valorizado, os herdeiros da própria República (FREITAS, 2003).

Após um período de discussões sobre infância, e sucessivas tentativas de leis que contemplassem os indivíduos desta fase, nasce então o atual Estatuto da Criança e Adolescente em 1990, visando a proteção integral desses sujeitos pela sociedade (CRUZ; HILLESHEIM; GUARESCHI, 2005).

3.3.3 Desenvolvimento da infância

Os processos que levam ao desenvolvimento de um sujeito sempre foram alvo de discussões e perpassam por diversas correntes de pensamento ao longo do tempo, sendo preocupação inclusive das ciências psicológicas.

Um grande contribuinte para a reflexão sobre o desenvolvimento foi Vygotsky. Falar dele, certamente é mencionar como o processo de desenvolvimento tem a ver com a

internalização do que está presente na vida social de um sujeito no seu dia a dia, como regras e valores, formas de pensar e agir, as instituições sociais e os meios de comunicação. A linguagem, então, torna-se o principal instrumento de troca entre os seres humanos (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2003).

A aprendizagem ocorre do nascimento à maturidade e um fator essencial para o desenvolvimento humano, pois desperta processos internos que só ocorrem quando um sujeito interage com outro. Outro fator crucial para o desenvolvimento é a cultura. Diferentes culturas têm formas diferentes de pensar, agir, elaborar conceitos e valores. As postulações de Vygotsky permitem pensar o ser humano não somente como um ser biológico, mas sim dependente de outros fatores –históricos, culturais- tornando-o um ser sócio-histórico (OLIVEIRA, 1992).

3.3.4 O Brincar

Para Vygotsky, o brincar é a atividade essencial para o desenvolvimento infantil. Nas atividades lúdicas a criança aprende, internaliza situações, favorece oportunidade de maturação de necessidades da criança, efetiva desejos impossíveis de acontecer na realidade e possibilita uma emancipação frente às restrições que podem ser presentes (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2003).

Não há consenso entre os pesquisadores sobre a exata definição do ‘brincar’, porém é inegável que é a partir do brincar que a criança se desenvolve globalmente. Uma série de funções estão envoltas no brincar, como a busca e sentimento prazeroso que essa atividade exerce, as descobertas que as crianças obtém através do brincar, o domínio da realidade que as cerca, a fluência da criatividade, a expressão positiva ou negativa de fatos internos e externos (FERLAND, 2006).

O brincar é uma atividade inerente da infância, bem como a expressão da evolução cognitiva de uma criança. Brincar é divertido, porém nem tudo que é divertido e lúdico traduz-se no brincar, assim como nem todo objeto é um brinquedo. O que torna algo num brinquedo é a existência de alguém brincando com aquele objeto (DRUMMOND; REZENDE, 2008).

O cotidiano da criança está envolto por amigos, brincadeiras, brinquedos e tudo mais que ela se relaciona como sujeito. O brincar traz sentimento de prazer para a criança,

possibilita dominar angústias, impulsos, e permite também relacionar-se com outras crianças, “os coleguinhas” (NUNES et. al., 2013).

A brincadeira da criança se estrutura da maneira que ela consegue realizá-la no momento, seguindo as fases de desenvolvimento (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006).

Ao construir regras, imaginar, expressar-se, a criança consegue desenvolver-se, por isso, os adultos devem evitar impor limitação nas brincadeiras infantis e deixar o brincar acontecer pelo próprio motivo do brincar e mais nada. Brincar pelo brincar. É preciso observar com cuidado a substituição da brincadeira pela exagerada admiração da vida adulta, pois atualmente as crianças estão cada vez mais inclinadas para a fase adulta. Na antiguidade eram vistos e tratados como mini adultos, na contemporaneidade estão sendo atraídos para o futuro/ mundo adulto (SILVA et. al., 2005).

3.4 ADOLESCÊNCIA

O interesse pelo adolescente e pela fase da adolescência em si dentro da sociedade, como uma fase distinta e digna de compreensões e investigações foi crescente a partir do século XX. Hoje sim é possível reconhecer a adolescência como um período de vida fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e de sua identidade (SENNA; DESSEN, 2012).

3.4.1 Adolescer

Inegavelmente a fase da adolescência é uma fase de crescimento, de desenvolvimento e construção de si mesmo- do *self*. A configuração subjetiva do adolescente passa por fatores biológicos, psicossociais e culturais. Até mesmo o conjunto biológico sofre interferência da cultura a depender da sociedade, através da significação que é dada através dessa fase biológica do ser (OLIVEIRA, 2006).

No desenvolvimento da adolescência, a família é o principal microssistema presente no cotidiano do adolescente e é responsável por conduzi-lo a compreensões e conhecimentos de valores, regras, incentivar a execução de papéis e tarefas na sociedade. Porém, ao ampliar sua rede de contatos com o mundo que o cerca, o adolescente poderá influenciar e ser influenciado por outros microssistemas (SENNA; DESSEN, 2012).

Ainda de acordo com Senna e Dessen (2012, p.102) “a cada estágio do desenvolvimento, a pessoa se depara com um conflito central, isto é, uma crise normal e

saudável a ser ultrapassada. Em se tratando da adolescência, essa crise se caracteriza pelo desenvolvimento da identidade”.

3.4.2 Identidade

Para passarmos para a idade adulta temos de construir a nossa identidade na adolescência e essa construção é uma tarefa muito importante e por vezes conflituosa. A identidade vai sendo formada a partir de diversos fatores diferentes que podem ser combinados entre si. Fala-se de fatores intrapessoais (tem a ver com personalidade e características próprias do indivíduo), interpessoais (está relacionado à identificação do indivíduo com outras pessoas) e culturais (relacionado aos valores que o indivíduo possui). O desenvolvimento da identidade varia de acordo com os contextos em que se está inserido, sendo que cada contexto favorece a aquisição de valores e competências que tenham importância para a vida do sujeito (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Através desses contextos, características peculiares são formadas e junto com essas características os sistemas semióticos, que são formas de significação e pertencimento de uma geração. Assim surgem grupos nos quais seus membros possuem afinidades no modo de vestir, no estilo de música que gostam, ou até mesmo na forma de falar. As gírias, por exemplo, são sistemas semióticos da cultura juvenil de uma determinada geração, por isso não é difícil ver as gírias mudando com o decorrer do tempo (OLIVEIRA, 2006).

3.4.3 O Estatuto da Criança e do Adolescente em uma breve análise

Para a proteção de crianças e adolescentes, o Estado brasileiro desenvolveu uma série de leis – decreto 16.272/1923; decreto-lei 17.943-A/ 1927; lei 6.697/ 1979- até estabelecer o atual Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - lei 8069 de 1990- visando a proteção integral, considerando a criança e o adolescente como membros pertencentes a uma sociedade e a uma família detentores de direitos e deveres, dignos do amparo do Estado (ROQUE; FERRIANI, 2002).

Apesar de representar um grande avanço na valoração social (e não penal) da criança e do adolescente, a falta de financiamento para a execução gerencial do Estatuto, semelhantemente a tantas outras leis deste país, faz com que a realidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade permaneça sem mudanças significativas e o

Estatuto parece incapaz de solucionar situações mais complexas que envolvam este público, como quando estes são agentes de infração (DEMO, 2006).

3.4.4 Violência

Este é um debate recente na sociedade capaz de deixar a opinião pública dividida, afinal estas crianças e adolescentes são vítimas de uma sociedade ou são apenas agentes de conflito com a lei? Difícil é ter uma resposta única e suficiente ao final (ADORNO; BORDINI; LIMA, 1999).

É constante na mídia a afirmação dos adolescentes como uma classe perigosa à sociedade, mas é importante ressaltar que quando se trata de violência é preciso considerar o adolescente frente a duas faces: como o agente da violência (que mais comumente é nos mostrado nos telejornais) e como vítima da violência. As primeiras experiências violentas de uma criança e de um adolescente podem vir da própria família, que é considerada o primeiro grupo no qual o indivíduo está inserido. A violência na família pode ser o abandono, a negligência, violência física, psicológica, entre outros (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Quando, por um ato infracional, ocorre a institucionalização de crianças e adolescentes, a instituição em tese deveria ser o espaço para a construção de um novo caminho a ser seguido, porém o que se percebe é o tempo ocioso afirmador da marginalidade destas crianças e adolescentes fazendo com que ao sair muitos sejam reincidentes (FRANCISCHINI; CAMPOS, 2005).

O fato é que de forma geral, a violência é ocasionada por multifatores que devem ser descobertos e compreendidos para possíveis intervenções eficazes (ROQUE; FERRIANI, 2002).

3.5 FAMÍLIA

A família pode ser considerada o núcleo central da organização humana e é inegável que este é o primeiro grupo social em que nós somos inseridos. Nela sofremos influências que organizarão nossa personalidade, nossos comportamentos e nosso desenvolvimento (PRATTA; SANTOS, 2007).

Na nossa velha sociedade, dita sociedade tradicional, a família nada mais era que um agrupamento nem sempre formado por consangüíneos, sem função afetiva, com objetivos de conservar bens materiais, praticar e repassar a prática de um ofício, ajuda cotidiana, sobrevivência e em alguns casos, a proteção das vidas e da honra daquela família. A família era muito mais moral e social do que sentimental. Ao passar a fase da dependência, a criança muitas vezes já saía do seu seio familiar e passava a viver em outro lugar que não a sua casa. O surgir de um sentimento de família inicia-se no século XV com a escolarização. Certo é que as meninas permaneciam muito mais educadas em casa do que nas escolas, diferentemente dos meninos. A família um pouco mais semelhante com as que conhecemos hoje vieram a existir nos séculos XIX e XX, que é a existência de certo sentimento no grupo familiar. Essa modificação está completamente ligada à educação, pois o que antes era aprendido na vivência diária agora deveria ser aprendido longe de casa, nas chamadas escolas (AIREÈS, 1981).

As famílias têm um papel importantíssimo no desenvolvimento biopsicossocial dos seus membros. Biológico porque tem de garantir a sobrevivência humana, com todos seus genes e cuidados. Psicológicos para fornecer apoio, afeto e suporte frente às situações da cotidianidade. Social por ser o principal grupo social do indivíduo, tendo assim mais chances de contribuir com valores, ideias, crenças, entre outros, para a formação da identidade do indivíduo (PRATTA; SANTOS, 2007).

Segundo Bruschini (1989, p.2) “a família é, sobretudo uma agência socializadora, cujas funções concentram-se na formação da personalidade dos indivíduos”.

3.5.1 Papel da mulher na família

O papel inicial da mulher na sociedade e na família historicamente estava centrado na maternidade, o grande pilar da instituição familiar, no qual ela deveria ter dedicação exclusiva e em tempo integral. Essa era a mulher de prestígio até meados do século XX. No novo padrão que vem se formando na sociedade e na família contemporânea, a mulher tem assumido outros papéis devido a diversas conquistas e mudanças sociais. A mulher tem poder de escolha, trabalha fora de casa e contribui pra renda familiar (BORSA; FEIL, 2008).

Essa mudança do papel da mulher só ocorreu após mudanças culturais, quebra de costumes e padrões, fazendo com que até mesmo as famílias reorientassem as suas funções e papéis dentro do lar (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

3.5.2 Família contemporânea

A sociedade tem se adaptando a novas formas de gerar uma família, bem como os membros de uma família contemporânea tem se adaptado a essas novas formas de existência. “Por exemplo, ser adolescente crescendo em uma família ‘nuclear tradicional’, com irmãos biológicos, é diferente de sê-lo em uma família recasada, coabitando com padrasto e irmãos não biológicos” (DESSEN; POLONIA, 2007).

Na contemporaneidade as famílias assumem um papel diferencial, pois a individualidade do ser é cada vez mais valorizada e buscada pelas pessoas dessa configuração de sociedade atual. As mudanças que ocorreram na família estão diretamente relacionadas à perda da tradição e a afirmação da individualidade de cada ser perante a sociedade, formando um grande problema ambivalente que é que as pessoas desejam muito aprender a serem sós; independentes e ao mesmo tempo querem estar juntas umas das outras (SARTI, 2000).

3.6 ALCOOLISMO

Infere-se que a relação do homem com o álcool e outras drogas é bastante antiga, desde que o homem se constituiu em sociedade devido a sua curiosidade em desbravar e conhecer o que o cerca para dominá-lo (SILVA, 2003).

No Brasil, o álcool é uma droga lícita. Droga é uma palavra bastante antiga, oriunda da língua holandesa, mais especificamente do termo *droog*, que significa “produtos secos”, que eram utilizadas do século XVI ao século XVIII para nomear um conjunto de substâncias que servia tanto para a alimentação quanto para a terapêutica de doenças. No Brasil, a relação com as drogas vem desde o período colonial onde estas eram consideradas artigos de luxo utilizados no consumo e no uso médico; riquezas exóticas, mais tarde conhecidas como especiarias. O conceito de droga modificou-se ao longo dos anos, o que nos leva a categorizá-las hoje em sociedade, perante controles jurídicos e políticos, de lícitas ou ilícitas (CARNEIRO, 2005).

Independentemente do padrão (uso, abuso ou dependência) o álcool é a droga mais utilizada do mundo. Estima-se que existam dois bilhões de consumidores de bebida alcoólica em todo o mundo e, desses, 76,3 milhões com diagnóstico de transtornos relacionados ao uso de álcool (OMS, 2004).

O II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, promovido pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), aponta que 12,3% das pessoas pesquisadas, com idades entre 12 e 65 anos, preenchem critérios para a dependência do álcool e cerca de 75% já beberam pelo menos uma vez na vida. Esse padrão de consumo está ocorrendo de forma cada vez mais precoce quando se tem por consideração as faixas etárias da população brasileira (SENAD, 2005).

O I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira mostra que 52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem (pelo menos uma vez ao ano) sendo que os homens correspondem a 65% dentro desse estudo e as mulheres 41%. Outra informação bastante relevante é que 12% da população têm algum problema com álcool, um bom índice para refletir os custos que essa substância traz para a sociedade. Estudo aponta que 34% dos adolescentes brasileiros bebem. A idade média de início da experimentação de bebidas alcoólicas é de 14 anos. Já a prevalência de episódios de consumo excessivo de álcool (*binge drink* ou *beber episódico pesado*) é alarmante: 51% deles estiveram expostos a riscos relacionados ao uso de álcool em *binge* em um período de 12 meses. O *binge* caracteriza-se pelo consumo de cinco ou mais doses de bebidas alcoólicas em uma única ocasião por homens ou quatro ou mais por mulheres, pelo menos uma vez nas últimas duas semanas (SENAD, 2007; PINSKY et al, 2010; HECKMANN; SILVEIRA, 2009).

Os custos dessa substância são de ordem: físico-clínica, psicológica e também social. Alguns exemplos que podem ser citados são: conflitos interpessoais e familiares, transtornos mentais, tentativas e homicídios consumados, violência doméstica, lesões corporais, necessidade de ações do sistema de saúde, entre outros. Todos estes exemplos são passíveis de ocorrer quando há o uso abusivo de álcool. Desta forma o álcool se configurou como um grande problema de saúde pública, mundial e local, e faz com que o governo brasileiro tenha gastos monetários extremamente dispendiosos em ações do seu Sistema Único de Saúde (SUS) para dar assistência às pessoas que tem problemas relacionados ao uso dessa substância, direta ou indiretamente, seja em tratamentos ou em programas de prevenção (BRASIL, 2003).

O consumo de álcool é muitas vezes aceito como um ato social e este ato pode estar presente nas mais diversas situações do dia a dia, como momentos de comemoração,

situações casuais ou de negócios, eventos culturais ou religiosos. Porém este consumo tem se mostrado cada vez maior e mais nocivo, sendo responsável por 3,2% das mortes que acontecem no mundo. Nos países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil, o álcool é um dos principais e mais importantes fatores de patologias e mortalidade, com seu impacto deletério sendo entre 8% e 14,9% do total de problemas de saúde dessas nações. Cerca de dez por cento dos problemas totais de saúde no Brasil tem o álcool como responsável (MELONI; LARANJEIRA, 2004).

3.6.1 Breve farmacologia

O etanol (C_2H_5OH) está presente em todas as bebidas alcoólicas. A dependência alcoólica é fundamentada por variados fatores, que são as condições biológicas, psicológicas, sociais, ambientais e culturais. Um exemplo disso é que até mesmo as enzimas que metabolizam o álcool diferem de pessoa para pessoa, podendo evidenciar uma condição biológica diferenciada entre esses indivíduos. O etanol é lipossolúvel, logo é absorvido pelas mucosas (boca, esôfago, estômago e intestino grosso) e rapidamente distribuído na corrente sanguínea. Quando se é dependente do álcool, uma série de sintomas (físicos e psicológicos) são desencadeados: tremores, câimbras, náuseas, vômitos, taquicardia, irritabilidade, ansiedade, humor depressivo, insônia, pesadelos, infertilidade, etc. Essas consequências originadas pelo uso abusivo do álcool geram prejuízos para o indivíduo em vários ambientes como no trabalho e na família e a melhor forma de tratar o alcoolismo envolve intervenções em vários níveis, pois trata-se de algo bastante complexo (HECKMANN; SILVEIRA, 2009).

3.6.2 Padrões de consumo de álcool

Os padrões de consumo do álcool podem ser classificados em uso moderado, Beber Pesado (BP) ou Beber Episódico Pesado (BEP). O uso moderado é de difícil definição e consenso. Já o BEP é considerado “o consumo de cinco ou mais doses de bebidas alcoólicas em uma única ocasião por homens ou quatro ou mais por mulheres, pelo menos uma vez nas últimas duas semanas”. O BP é o consumo de até duas doses de bebida alcoólica por dia para os homens e de até uma dose para mulheres e está associado a prejuízos para o indivíduo no cotidiano (HECKMANN; SILVEIRA, 2009).

Segundo a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD (2008, p.45) os padrões de consumo podem ser definidos em uso, abuso e dependência. Sendo o uso caracterizado pela inexistência de problemas relacionados ao álcool e nenhum grau de

dependência; abuso caracterizado por nenhum grau de dependência, porém há problemas com o álcool e dependência é definida por uma constante de problemas na vida do indivíduo caracterizada pelo uso contínuo da substância.

3.6.3 Fatores de risco e Fatores de proteção

Não há, necessariamente, uma complementaridade entre fator de risco e fator de proteção, pois eles podem individualmente estar presentes na vida de uma pessoa, ou seja, fatores de risco e fatores de proteção são variáveis independentes (PESCE et. al., 2004).

Fator de risco é uma expressão utilizada para descrever situações, condições ou variáveis, que concorram diretamente para a ocorrência de resultados negativos para a vida de um indivíduo. Geralmente esse conceito está relacionado ao indivíduo e suas relações com o outro, com o meio, condições culturais e socioculturais, podendo envolver grupos sociais, mídia e a forma como se organiza a família do indivíduo, por exemplo, como fator de risco para o uso de drogas pode estar correlacionado o uso na família ou mesmo a atitude positiva –de aceitação- da família em relação à droga (SCHENKER; MINAYO, 2005).

Pobreza, vivência de violência, ruptura na família, são alguns exemplos de fatores de risco que interferem na capacidade de resiliência e ampliam a vulnerabilidade de crianças e adolescentes. Vulnerabilidade diz respeito a predisposição para comportamentos negativos, psicopatologias ou mesmo resultados não satisfatórios e negativos ao desenvolvimento do sujeito. Resiliência é um agrupamento de processos sociais e intrapsíquicos que viabilizam o desenvolver de uma vida sadia, mesmo em um meio e em um momento não favorável. Envolve processos entre o sujeito e o meio (inclusive o meio familiar, social e cultural) a fim de resistir a obstáculos negativos de desenvolver-se adequadamente (PESCE et al., 2004).

Fatores de proteção estão ligados ao significado do verbo proteger que é o oferecimento de condições para o crescimento, desenvolvimento, amparo e fortalecimento de um ser em formação. Os fatores de proteção são categorizados em individuais (auto-confiança, temperamento que favoreça o enfrentamento de problemas, auto imagem positiva, habilidades sociais e interpessoais); familiares (suporte, segurança, harmonia, bom relacionamento em família); e extra familiares (experiências positivas no meio em que se vive, na escola, apoio de pessoas significativas). Estes fatores presentes na vida do sujeito são capazes de agir diante de uma experiência traumática como facilitadores da

resiliência. Os fatores de proteção para o uso de drogas podem ser identificados em seis domínios da vida: individual, família, escola, amigos, sociedade e comunidade. Na individualidade está contido a ideia de individualidade da criança e do adolescente que não são seres somente passivos as questões que os rodeiam, eles tem realmente papel essencial nas suas próprias vidas, apesar de todos os acontecimentos. Suas atitudes frente aos acontecimentos diários irão gerar comportamentos de risco ou proteção ao uso de álcool e outras drogas. O seio familiar é uma influência muito forte para crianças e adolescentes. A maneira como a família se organiza, o vínculo, amor, afeto, o bom convívio possibilitam o desenvolvimento do ser em todo seu potencial, gerando laços familiares e protetivos. A escola também é vista como agente de socialização e fundamental para favorecer resiliência. Amigos, sociedade e comunidade exercem papéis fundamentais podendo tornarem-se elementos de risco ou mesmo protetores (SCHENKER; MINAYO, 2005). É observável então que um mesmo fator pode ser considerado tanto de risco quanto de proteção a depender do contexto e das situações que o envolvem.

3.6.4 Alcoolismo na família

O alcoolismo é muitas vezes tratado como um problema individual, porém esquece-se da família e da saúde da família que é vista como coadjuvante frente ao tratamento do indivíduo que consome álcool. Os filhos raramente são mencionados, a não ser em rápida anamnese feita pelo profissional da saúde ou quando descobre-se conflitos que os envolvem fazendo-se assim rápida correlação com a dinâmica familiar existente entre o alcoolista e seu filhos e o que poderia ser feito nesses casos.

O alcoolismo vivenciado no ambiente familiar é marcado por eventos difíceis e conflituosos. Ocorre uma alteração na dinâmica familiar e o reajuste de papéis dentro da família. Esse cotidiano difícil fragiliza os membros da família e os laços afetivos existentes. As crianças em uma família alcoolista podem desenvolver problemas emocionais, legais, de conduta ou até mesmo de aprendizagem. Os filhos de alcoolistas tendem a ser também alcoolistas, mas também há outras possibilidades com trocas de papéis, por exemplo, quando um filho assume a responsabilidade de manter a família no lugar do pai alcoolista ou quando os filhos sentem-se responsáveis por cuidar dos pais. Uma filha de alcoolista tende a escolher um companheiro também alcoolista apesar das frustrações já vividas. O fato é que uma pessoa alcoolista acaba alcoolizando o meio, e

neste meio inclui-se a família. Outras situações interligadas a presença do alcoolismo na família são os maus tratos, o abandono emocional, comunicação prejudicada entre seus membros (SILVA, 2003).

Ao se comparar filhos de não alcoolistas com filhos de alcoolistas observa-se que estes apresentam mais problemas emocionais e comportamentais do que aqueles. As crianças filhas de alcoolistas em geral são tímidas, retraídas, inseguras, apresentam sinais de irritabilidade, depressão, baixa auto-estima, dificuldade em relacionar-se com o meio e com outros (SOUZA; JERONYMO; CARVALHO, 2005).

Segundo Silva e Padilha (2013, p.577):

O alcoolismo, ao ser inserido no cotidiano do adolescente, passa a fazer parte do seu cognitivo e de sua comunicação com o seu grupo de pertença, passando a doença para uma dimensão psicossocial, que será fundamental para adoção de um comportamento diante de uma droga tão presente na sua rotina familiar.

Por isso e pela ampla aceitação social o adolescente pode considerar o álcool como uma substância que ocasiona alegria, diversão, prazer, fortalecimento de vínculos (de amizade ou na própria família). Por outro lado o álcool pode ser visto como escape para os problemas que surgem no lar e no dia a dia (SILVA; PADILHA, 2013).

A família de um alcoolista tende a adoecer juntamente com ele, a apresentar problemas de saúde e mudanças de comportamento, além de tentar fugir do preconceito e da exclusão da sociedade. Para manter a aparência de uma família funcional e sem problemas, essa família com membro alcoolista costuma afastar-se e isolar-se do convívio social (FILZOLA et. al., 2009).

4 METODOLOGIA

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento de uma pesquisa é a estratégia de condução do trabalho que o pesquisador elabora a fim de alcançar respostas para o problema de pesquisa. Uma vez que se obtiveram respostas provavelmente estas irão gerar novas perguntas, o que nos mostra que as pesquisas como um todo tem em si um caráter de ciclos. Esta pesquisa delineou-se

através de tipologias agrupadas em três categorias: quanto aos objetivos, quanto aos procedimentos e quanto à abordagem do problema (RAUPP; BEUREN, 2003).

Quanto aos objetivos será feita a pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória busca o conhecimento preciso do tema abordado, proporcionando uma melhor compreensão sobre o assunto através de uma ampla pesquisa sobre o mesmo. Essa metodologia é bastante adotada quando se quer definir o problema de forma clara e certa e identificar características típicas e indispensáveis do referido tema. Explora-se um tema para obter critérios e compreensão (BARROS; LEHFELD, 1990). A pesquisa bibliográfica proporciona uma visão ampla a respeito de um determinado assunto (GIL, 1999).

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde busca-se informações para responder o problema de pesquisa, podendo ser retiradas de livros, artigos, teses, entre outros. A revisão bibliográfica possibilita ao autor integrar e observar um conhecimento já estabelecido sobre determinado assunto ou problema, isto dá uma visão mais ampla e panorâmica da questão de pesquisa. (MACEDO, 1994). Segundo Gil (1999 p. 65) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está “no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Quanto à abordagem será adotada a abordagem qualitativa. Na abordagem qualitativa não se pretende quantificar unidades ou categorias, na verdade, objetiva analisar profundamente as questões do fenômeno observado visando dar destaque a características não observadas por estudos quantitativos (RAUPP; BEUREN, 2003).

4.2 SUJEITO DA PESQUISA:

Tentaremos estudar neste trabalho o cotidiano de crianças e adolescentes que possuem membros da sua família sob dependência de álcool. Para tanto, consideraremos criança aquela que possui até doze anos de idade incompletos; e adolescente aquela pessoa entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 2002). Para família consideraremos o grupo social formado por pais ou responsáveis de crianças e/ou adolescentes bem como outros membros como exemplo: irmãos, avós, tios entre outros.

4.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA:

Foi realizada pesquisa bibliográfica através de artigos. Os artigos foram aqueles publicados entre os anos de 2010 a 2014 em bases de dados da Biblioteca Regional de Medicina/Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME/BVS), na Biblioteca Científica Eletrônica em Linha (Scientifica Eletronic Library Online-Scielo) e o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) através dos descritores: *Alcoolismo, criança, adolescentes, família, família alcoolista* priorizando os artigos nos idiomas de português e espanhol.

A seleção dos artigos se deu primeiramente por meio da leitura dos títulos e dos resumos/ abstracts. Foram incluídos artigos com texto completo com adequação à temática que está sendo trabalhada neste estudo, escritos em português ou espanhol. Foram excluídos os artigos que não se adequaram à temática proposta, trabalhos que estavam fora do recorte de tempo, artigos repetidos e demais critérios estabelecidos.

4.4 ANÁLISE DE DADOS

Optou-se pela análise de conteúdo, com base na qual Bardin (2011, p.44) define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens cuja a intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não.

É a busca da realidade por meio de mensagens (comunicação), para tanto manipula-se o conteúdo e a expressão desse conteúdo das mensagens para trazer em evidência os indicadores que permitam realizar a inferência sobre outra realidade que não a da mensagem. Uma das técnicas da análise de conteúdo é a análise categórica temática que refere-se ao agrupamento sob um título genérico das mensagens estudadas e analisadas, uma vez que as mensagens já foram divididas e reagrupadas considerando suas semelhanças (BARDIN, 2011). Esta será a técnica utilizada neste trabalho.

Para Bardin (2011, p. 125) a análise de conteúdo pode ser organizada por três pólos cronológicos:

- 1) A pré-análise;
- 2) A exploração do material;
- 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização, onde se sistematiza as ideias iniciais. Ocorre então a escolha dos documentos, formulação de hipóteses, objetivos e indicadores que auxiliem na interpretação final.

Na exploração do material utiliza-se o material escolhido na pré-análise para explorá-lo melhor, codificar, decompor, enumerar em função de regras estabelecidas. É a fase mais cansativa e trabalhosa.

No terceiro pólo, os resultados são tratados para tornarem-se válidos e significativos, proporcionando a possibilidade de inferir e adiantar interpretações ou até mesmo expor outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2011).

Após essas etapas, foram construídas duas categorias temáticas, assim denominadas: *Relacionamentos familiares e o álcool* e *Alcoolismo na família e a violência*.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram encontrados um total de 26 artigos após pesquisa nas três bases de dados selecionadas (BVS; SCIELO e CAPES) que se adequaram à temática deste estudo e aos demais critérios já mencionados. Foram excluídos artigos repetidos ou que não mencionassem algo do cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o alcoolismo na família, além dos outros requisitos anteriormente citados. As pesquisas datam entre 2010 a 2014.

Seguindo criteriosamente todas as etapas da análise de conteúdo de Bardin (2011), foram elaboradas duas categorias genéricas temáticas- *Relacionamentos familiares e o álcool* e *Alcoolismo na família e a violência*- que serão descritas a seguir.

5.1 *Relacionamentos familiares e o álcool*

Inicialmente é importante salientar que a família é o principal microssistema presente no cotidiano do indivíduo capaz de influenciar e estimular comportamentos, conduzir valores e regras, incentivar papéis e tarefas na sociedade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008; SENNA; DESSEN, 2012).

A família como primeira instituição social e aquela que influencia diretamente na vida dos indivíduos, é vista na maior parte dos estudos abordados com um potencial ambivalente quando se trata de seus membros. Ela é vista como fator de risco ou como

fator de proteção frente ao alcoolismo e outras drogas a depender dos relacionamentos familiares que vão se configurando no cotidiano do sujeito.

Os fatores de risco à dependência do álcool são a exposição precoce, violência, cotidiano conflituoso, influência da mídia, uso por membro da família, relacionamento conturbado entre a família, baixa auto estima, não pertencer a alguma religião, pressão dos amigos, não descartando a possibilidade da “pré-disposição” genética (DIETZ et al., 2011; ROZIN; ZAGONEL, 2012). O cuidado, o diálogo, a atenção, a aproximação, imposição de limites, disponibilidade de tempo, vínculo e auto controle são exemplos de alguns fatores protetores ao álcool em crianças e adolescentes, mesmo quando um membro da família já seja alcoolista. Isto faz com que a criança e o adolescente busquem em outras pessoas da família essas características de proteção. Logo, a força e desejo de mudança que há dentro de si e o amparo/ apoio buscado no outro, poderá gerar resiliência (SILVA; LUZ, 2012; ROZIN; ZAGONEL, 2013).

Os estudos apontaram, em sua maioria, que quando há membros alcoolistas há grandes chances das crianças e adolescentes que cresceram neste contexto se tornarem dependentes do álcool. Outro fator recorrente nos estudos é que há uma exposição precoce de crianças e adolescentes ao álcool gerando assim indivíduos que fazem uso abusivo ou se tornam dependentes dessa substância no futuro (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2010; SOUZA et. al., 2010; CAMPOS et. al., 2011; DIETZ et. al., 2011; PEREIRA et. al., 2011; SILVA et. al., 2011; MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012; NARDI; DELL’AGLIO, 2012; ESPER et. al., 2013; ROZIN; ZAGONEL, 2013). A droga se torna tão presente no cotidiano da criança e do adolescente que eles acabam por reproduzir seu dia a dia com o passar dos anos. Isto não significa que a experiência de conviver com o alcoolismo seja boa, na verdade muitas dessas crianças e desses adolescentes convivem com um cotidiano conturbado, marcado por violências, brigas, entre outras características. O que os fazem reproduzir a atitude do beber abusivo e/ou a dependência do álcool que eles mesmos reprovam na vida do familiar está muito mais relacionada à força influenciadora da família e do cotidiano do que o gostar da droga. Indiretamente, a criança e o adolescente aprendem aquele comportamento e frente a um cotidiano conflituoso tem em si aprendido a recorrer às bebidas alcoólicas.

Como todo sujeito é um sujeito único, as dinâmicas familiares tendem a ser peculiares mesmo quando há características bastante parecidas. Em algumas famílias apesar do consumo de álcool ser bastante presente, há familiares que não concordam com a

reprodução dessa atitude por suas crianças e adolescentes. Isso se traduz na máxima do dito popular: “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, algo que nunca convenceu bem ninguém. Uma prova disso é o consumo de álcool por essas crianças e adolescentes mesmo sem a aprovação dos familiares, mesmo sendo em outros ambientes longe deles, como festas, comemorações ou qualquer outro lugar na presença de colegas (PEREIRA et. al., 2011; ROZIN; ZAGONEL, 2013).

O alcoolismo quando presente no cotidiano das crianças e dos adolescentes, torna-se uma questão psicossocial e será essencial a tomada de decisões a respeito da droga que está tão presente na sua rotina familiar. Esse convívio familiar é capaz de interferir diretamente na maneira como o álcool é visto pelas crianças e adolescentes. Dentro das representações sociais dos adolescentes sobre o álcool estão percepções ambivalentes, como: o álcool como forma de prazer, diversão e inclusão social e o álcool como protagonista da violência e a perda dos sentidos. (SILVA; PADILHA, 2013). É importante incluir o fator de curiosidade que pode envolver o início do ato de beber bebidas alcoólicas por crianças ou adolescentes. O beber em nossa sociedade é visto como um ato social e, portanto bastante aceito e estimulado, porém esse é um grande fator que pode resultar em sujeitos dependentes do álcool (MELONI; LARANJEIRA, 2004). Vale a observação de que o álcool pode até ser bem visto em eventos sociais, festas, comemorações, *happy hours*, porém o alcoolismo é algo não aceito em nossa sociedade, algo cheio de estigmas. Não há como prever a dependência de álcool em um sujeito, pois na verdade existe uma linha tênue entre o beber, o beber abusivo e a dependência, que varia de indivíduo para indivíduo, além de outros fatores associados, alguns deles foram sendo abordados neste trabalho.

Quanto mais precoce o uso do álcool maior a chance de dependência num futuro próximo. Não há um padrão de idade inicial do uso do álcool, mas foram encontrados estudos nos quais as idades para a primeira experimentação variam bastante e vão desde os 5 anos de idade até os 14 anos (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2010; ROZIN; ZAGONEL, 2012). Provavelmente essa iniciação se dê em um meio não intencional de formar um indivíduo dependente e sim em tom de brincadeira. Por exemplo, um pai que oferece bebida alcoólica precocemente ao seu filho; naquele momento a simbologia do álcool pode remeter à masculinidade e virilidade daquele menino para o pai. Outros caracteres simbólicos são força, pertencer a um grupo social, independência em relação pais e filhos, alegria, desinibição, entre outros (SOUZA et. al., 2010). Esse caráter simbólico depende da

cultura na qual se está inserido, a forma de viver a vida e percebê-la. Porém é importante ressaltar a lógica de que o álcool é uma droga lícita capaz de abrir portas para o acesso às drogas ilícitas (SILVA et. al., 2011).

O alcoolismo pode também provocar mudanças de papéis dentro de uma família, onde, por exemplo, os filhos assumem o cuidado da casa e dos pais ou as mães que assumem além do seu papel a manutenção do lar (ARPINI; QUINTANA; GONÇALVES, 2010).

Diante do alcoolismo uma família pode tornar-se disfuncional tornando-se uma “família alcoolista”, no sentido de que a família adoece juntamente com o membro alcoolista em que a imprevisibilidade de beber altera todo o cotidiano familiar que fica marcado por mentiras, intrigas, discussões, violências. É diferente de uma família com alcoolista em que o consumo por vezes é menos perturbador à dinâmica familiar. A família disfuncional tende a reprimir sentimentos ou mesmo manifestar sentimentos negativos como frustração, tensão, dor, raiva, insegurança, ansiedade, isolamento, baixa auto estima (MANGUEIRA; LOPES, 2014)

Conviver com um familiar alcoolista pode ocasionar transtornos sociais e psicológicos na vida de crianças e adolescentes. Estudos indicam os transtornos do sono, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento escolar, problemas de memória e concentração, dificuldade em relacionar-se com outro, timidez, insegurança, medo, comportamento inadequado e ingestão de álcool, como sendo as principais alterações que podem alcançar as “vítimas” do alcoolismo familiar (MENDONZA; MARTÍNEZ; GUERRA, 2012). Os transtornos psiquiátricos que prevalecem em indivíduos que crescem em famílias com membros alcoolistas, são o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), transtorno de conduta, transtorno desafiador opositivo, transtornos de ansiedade, quadro depressivo, abuso de drogas ilícitas e de álcool e também em alguns casos transtornos nutricionais (ANDRADE et. al., 2011).

Vários tipos de situações sejam elas positivas-como passar em um vestibular ou afeto familiar- ou adversas- como adoecimento de um familiar ou mesmo a violência doméstica- podem causar rupturas na vida cotidiana de um sujeito. Porém, mesmo em meio a situações adversas é possível a construção de uma nova significação de vida e de novos caminhos a serem seguidos adiante pelos sujeitos (SALLES; MATSUKURA, 2013).

Frente a um cotidiano cheio de conflitos, discussões, situações estressantes, as crianças e os adolescentes expostos ao álcool criam em si estratégias para irem lidando

com os problemas constantes do dia a dia. Uns encontram na bebida alcoólica a saída para aliviar a tensão que é viver naquele ambiente, tornando-se dependentes com o passar do tempo e seguindo para caminhos de reprodução do cotidiano vivido ou por vezes cometendo sucessivos atos infracionais; outros fogem de casa e ficam em situação de rua, outros casam - como se essa fosse a única alternativa possível-, outros engravidam e outros conseguem ser tornar resilientes mesmo diante dos fatos adversos (BERNARDY; OLIVEIRA, 2012; ARPINI; QUIINTANA; GONÇALVES, 2010; SILVA; PADILHA, 2013). É como Heller (2000, p.20) disse, o indivíduo é simultaneamente particular e genérico e de fato assim nós somos. Não há como definir com exatidão o futuro das crianças e dos adolescentes que convivem com a presença do álcool, apenas sabe-se alguns dos caminhos possíveis.

O cotidiano de uma criança pode ser transformado desde cedo quando, por exemplo, um de seus pais é alcoolista. A mãe que faz uso abusivo de álcool na gravidez traz para a vida de seu filho uma série de consequências como o perigo de retardo do desenvolvimento físico e mental, bem como o nascimento prematuro do bebê ou a morte deste. Outra consequência é a Doença espectral do alcoolismo fetal (DEAF) que envolve déficits neurocomportamentais como, por exemplo, hiperatividade e déficit de atenção, déficit na coordenação motora, dificuldade em sociabilizar-se, déficits na cognição, habilidade matemática, dificuldades de linguagem e memória espacial (CASSINI; LINDEN, 2011; LIMA; LIMA, 2012). Muito pode-se questionar se há uma alteração do cotidiano ou não dessa criança uma vez que ela estava sendo ainda gerada e concebida. O fato é que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro” (HELLER, 2000, p.17), e isso envolve desde a sua formação, a sua concepção até o derradeiro suspiro da morte. É fácil perceber que se não fosse essa exposição gestacional ao álcool, potencialmente o desenvolvimento dessa criança seguiria o que é esperado comparado às crianças da mesma nacionalidade, cultura e ao consenso da medicina estabelecido. Outro cotidiano que potencialmente poderia ser diferente, mas que devido o álcool sofre uma brusca transformação, é a questão do abandono de crianças, questão esta abordada por estudos que mostram a relação direta entre o alcoolismo na família e a negligência e abandono de crianças. A partir daí a criança é levada a situações de rua ou abrigos e tenta se adequar constantemente em uma sociedade que dificilmente possibilita vínculos e demais coisas necessárias ao seu desenvolvimento enquanto cidadão (SANTOS, 2010; LIMA; LIMA, 2012).

A família é capaz de influenciar o modo como a bebida é vista por seus adolescentes no seu dia a dia. O álcool pode apresentar-se de forma negativa ou mesmo positiva. A forma negativa está relacionada à agressividade, violência familiar, negligência, falta de carinho e diálogo, cotidiano estressante e conflituoso, perda dos sentidos do corpo humano, a perda da autoridade parental entre outras formas. A forma positiva que esta droga pode trazer na percepção do adolescente seria ligada ao seu uso para dar alegria, euforia, escape dos problemas e pertencer a tribos sociais (SILVA; PADILHA, 2013). Constatou-se que há formas negativas e positivas de se perceber o álcool por um adolescente, que em meio a fatores extrínsecos e intrínsecos irão contribuir para a forma com que a droga esteja presente ou não presente em sua vida.

Respostas positivas em meio a situações adversas são o que caracteriza a resiliência. Uma rede de apoio e suporte social, como bons amigos, escola, um bom relacionamento familiar são essenciais para que essas respostas aconteçam, pois fornecem socialização, auto estima, interesses, independência fazendo do sujeito um participante positivo na sociedade. Quando se há essas redes de apoio, mesmo em meio a um cotidiano conturbado e conflituoso devido ao alcoolismo na família, uma criança ou um adolescente pode elaborar estratégias de enfrentamento. Uma dessas estratégias é a formação de um núcleo de apoio, que geralmente é formado dentro da própria família, unindo os laços afetivos de quem não consome álcool com essa criança ou esse adolescente. Este vínculo estabelecido une forças para suportar e enfrentar os problemas do cotidiano. Assume-se uma relação de proteção, de cuidado, de pertencer, estabelece-se um núcleo de fortalecimento. Esse núcleo tira o alcoolismo do centro e permite os indivíduos a se perceberem como tal, valorizando um ao outro e bem como seus objetivos e interesses. Há ainda a possibilidade de uma relação semelhante a esta descrita entre os filhos e o progenitor alcoolista, a partir do momento que eles percebem este progenitor não apenas como o alcoolista, mas como um sujeito acometido por esta doença e dependência, que necessita de atenção e inspira cuidados. Os cuidados se refletem na busca do progenitor nos bares, protegê-lo para evitar quedas, entre outros. Em contrapartida, nesse núcleo de fortalecimento, o progenitor que é dependente e/ou faz uso abusivo de álcool oferece seus conselhos, apoio, incentivo, preocupações e opiniões, na tentativa de exercer seu papel familiar. Outra fonte de apoio para filho de alcoolistas são os avós ou qualquer outro familiar capaz de suprir a lacuna deixada pelos pais (SILVA; LUZ, 2012). Isto nos mostra a capacidade que os indivíduos têm de reinventar-se frente a situações adversas. Não há

como saber se uma criança ou adolescente irá sempre desenvolver esse núcleo de fortalecimento, até mesmo porque não foi um assunto recorrente entre as pesquisas, mas percebe-se que há uma possibilidade, e frente a essa possibilidade profissionais que convivam com temáticas parecidas tem a oportunidade de captar a possibilidade para torná-la uma realidade.

5.2 Alcoolismo na família e a violência

O álcool traz custos de ordem físico-clínica, psicológica e social, dentre estes custos estão caracterizado os atos de violência. A violência muitas vezes vem da própria família da criança e do adolescente por ser a primeira instituição social dos mesmos. O ato violento na família pode ser classificado como físico, psicológico, abandono, negligência, etc. Essas vivências de violência são capazes de romper laços familiares, aumentando assim fatores de risco ao uso de álcool e outras drogas, interferindo na capacidade de resiliência e ampliando a vulnerabilidade de crianças e adolescentes (BRASIL, 2003; PESCE et al., 2004; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

O consumo de álcool, devido aos efeitos que este causa no organismo, está muito relacionado à agressividade e conseqüentemente à violência. A violência não é caracterizada somente por uma ação física, mas também psicológicas e simbólicas que fere a integridade de um ser seja em um ambiente aberto ou fechado (ARPINI; QUINTANA; GONÇALVES, 2010). De fato a violência atinge a alma, os pensamentos, o emocional e não somente o físico. A violência traz marcas, às vezes invisíveis, por toda a vida.

Estudos demonstram correlação direta entre o alcoolismo na família e violência em crianças e adolescentes, sendo esta violência caracterizada em: física, sexual, psicológica, verbal, conjugal e intrafamiliar. Como conseqüentes diretos, vítimas da violência intrafamiliar e os demais tipos estão, por exemplo, jovens em conflito com a lei e futuras mães agressoras.

Ao crescer em um cotidiano marcado pela violência intrafamiliar devido ao alcoolismo, crianças e adolescentes tendem a reedição de episódios violentos em um futuro próximo, mesmo reprovando os atores dessas atitudes violentas em suas histórias de vida (BERNARDY; OLIVEIRA, 2012; MOREIRA et. al., 2013; LOBATO; MORAES; NASCIMENTO, 2012; PALUDO; SCHIRO, 2012; SENA et. al., 2011; BITTAR; NAKANO, 2011; ANDRADE et. al., 2011).

A reedição de episódios violentos não significa concordar com a realidade violenta vivida por essas crianças e adolescentes, trata-se de um aprendizado de atitudes constantes e rotineiras que ficaram internalizadas nesses sujeitos. Pode haver um processo de mudança e decisão em trazer o alcoolismo para suas histórias ou não, assim como reproduzir a violência ou não, mas estes dependem de diversos fatores extrínsecos do ser – como a sociedade, as redes e oportunidades que aparecem, por exemplo- e intrínsecos – como motivação, força de vontade, o desejo de mudança. Não há um padrão, há caminhos e escolhas.

6 CONCLUSÃO

O alcoolismo é mais que uma doença, é um grande problema de saúde pública. Neste trabalho, analisou-se o alcoolismo nas relações familiares e como essas relações interferem no cotidiano de crianças e adolescentes.

É nítida a relação direta existente entre ter um familiar alcoolista, a possibilidade de exposição precoce de crianças e adolescentes ao álcool e a dependência num futuro não distante.

Outro fator diretamente relacionado é o alcoolismo na família e a existência de violência no cotidiano de crianças e adolescentes que por sua vez irão provavelmente reproduzir tais atitudes no seu dia a dia.

Porém o grande achado dessa pesquisa foi a possibilidade de em meio a um cotidiano conflituoso, estabelecer-se um núcleo de fortalecimento entre um familiar não alcoolista, como avós e tios, por exemplo, e a criança ou adolescente, tirando o membro alcoolista do foco central e valorizando os membros desse núcleo, onde os indivíduos unem forças para enfrentar os problemas cotidianos e lutam por seus próprios desejos e objetivos. Outras formas de núcleo de fortalecimento podem ser constituídas entre as crianças ou adolescentes e grupos sociais, como escola, comunidades religiosas, ou mesmo associações, bem como com a rede de atenção psicossocial.

Outra conclusão é que dentro desse núcleo de fortalecimento, foi a possibilidade de mesmo um membro sendo dependente de álcool ser capaz de exercer sua autoridade e papel familiar ao mesmo tempo em que o outro indivíduo desse núcleo é capaz de entender e dissociar o sujeito da dependência, conferindo a ele cuidados.

Ao observar as faces da temática deste trabalho, percebeu-se uma grande complexidade em questão, o que era esperado uma vez que nós seres humanos somos complexos e não seria diferente com os possíveis relacionamentos e fatos que nos envolvem.

Considera-se importante o desenvolvimento de outros trabalhos e pesquisas a respeito do cotidiano de crianças e adolescentes que convivem com o alcoolismo na família, para pensar nas melhores ações possíveis a serem desenvolvidas com este público frente aos fatos e acontecimentos que os envolvem.

Por fim, pode-se concluir que somos o espelho do nosso cotidiano e que ao mesmo tempo em que ele nos influencia, nós também somos capazes de influenciá-lo.

7 REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo Perspec.**, São Paulo , v. 13, n. 4, Dez. 1999 .

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 16, n. 1, 2003.

AMEZCUA, Manuel; ZAMBRANO, Sandra Milena Hernández. Investigación sobre el cotidiano del sujeto: oportunidades para una ciencia aplicada. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 21, n. 3, Setembro. 2012 .

ANDRADE, Renata Candido de et al . Prevalência de transtornos psiquiátricos em jovens infratores na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): estudo de gênero e relação com a gravidade do delito. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 4, Abr. 2011.

ARIÈS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981. 279p

ARPINI, Dorian Mônica; QUINTANA, Alberto Manuel; GONÇALVES, Camila dos Santos. Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. **Revista Psicologia Argumento**, v 28, n 63, Out./Dez 2010

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990

BERNARDY, CatiaCampaner Ferrari; OLIVEIRA, Magda Lucia Felix de. Uso de drogas por jovens infratores: perspectiva da família. **Ciênc. cuid. saúde**;11(supl):168-175, jan.-mar. 2012.

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicodependentes no contexto da família de origem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 20, n. 1, Mar. 2011 .

BOCK, A; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.14 ed. São Paulo, Saraiva, 2008, 368p.

BORSA, JulianeCallegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. 2008 Disponível em: < http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0419> Acesso em 03 de maio de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRUSCHINI, Cristina. Uma abordagem sociológica de família. **Rev. Brasileira de estudos de população**. São Paulo, v.6, n.1, Jan-Jun 1989.

CAMPOS, Juliana Alvares Duarte Bonini et al . Consumo de álcool entre estudantes do ensino médio do município de Passos - MG. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 12, Dec. 2011

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANCISCHINI, Rosângela. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 8, n. 1, jun. 2003 .

CARNEIRO, H. **Transformações do significado da palavra droga: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo**. In: Venâncio PR, Carneiro H. Álcool e drogas na historia do Brasil. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas; 2005.

CASSINI, Carina; LINDEN, Rafael. Exposição pré-natal ao etanol: toxicidade, biomarcadores e métodos de detecção. **Rev. psiquiatr. clín.**, vol.38, no.3, p.116-121, 2011.

CRUZ, Lílían; HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Infância e políticas públicas: um olhar sobre as práticas psi. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, Dec. 2005.

DEMO, Pedro. Estatuto da criança e do adolescente- Tentativa de análise introdutória crítica. **Justiça & História**, Porto Alegre, v. 6, n. 11, 2006.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, Abr. 2007.

DIETZ, Graciele et. al. As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, ago. 2011.

DRUMMOND, Adriana de França; REZENDE, Márcia Bastos. **Intervenções da Terapia Ocupacional**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 177 p.

ESPER, Larissa Horta et. al. Mulheres em tratamento ambulatorial por abuso de álcool: características sociodemográficas e clínicas. **Rev. Gaucha Enferm**; 34(2). p. 93-101, jun. 2013.

FERLAND, Francine. **O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional**. 3.ed.São Paulo. Editora Roca, 2006. 171p.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FILZOLA, Carmen Lúcia Alves et al. Alcoolismo e família: a vivência de mulheres participantes do grupo de autoajuda Al-Anon. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 58, n. 3, 2009 .

FRANCISCHINI, R.; CAMPOS, H. R. Adolescente em conflito com a lei e medidas socioeducativas: Limites e (im)possibilidades. *PSICO*, 36(3), 267-273, 2005. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1397/1097>> Acesso em: 24 de maio de 2014.

FREITAS, Marcos Cezar de .**História social da infância no Brasil**. 5. ed.São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.crianca.mppr.mp.br%2Farquivos%2FFile%2Fcurso_de_atualizacao%2F2012%2Fa01_historia_social_da_infancia_no_brasil.pdf&ei=XkJdUC6M87fsASlIoKwAw&usg=AFQjCNHSqtDKfCIX4LyMK_ywo1UUpW3evg&bvm=bv.65397613,d.cWc> Acesso em: 27 abril de 2014.

GALHEIGO, Sandra Maria. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, Brasil, v. 14, n. 3, p. 104-109, dez. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.d São Paulo: Atlas, 1999.

HECKMANN, W.; SILVEIRA, C.M. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In: Andrade AG, Anthony JC, Silveira CM. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri (SP): Minha Editora; 2009. p. 67-87.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 121p.

LIMA, Ana Karolina Pontes de; LIMA, Albenise de Oliveira. Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife. **Revista CES Psicologia**, Recife, v 5, n 1, p. 11-25, 2012.

LOBATO, Geórgia Rosa; MORAES, Claudia Leite; NASCIMENTO, Marilene Cabral do. Desafios da atenção à violência doméstica contra crianças e adolescentes no Programa Saúde da Família em cidade de médio porte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, Set. 2012.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MALBERGIER, André; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; AMARAL, Ricardo Abrantes do. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, Abr. 2012.

MANGUEIRA, Suzana de Oliveira; LOPES, Marcos Venícios de Oliveira. Família disfuncional no contexto do alcoolismo: análise de conceito. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 1, Fev. 2014

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, **10**(1). p. 1-8, 1998.

MELONI, JN ; LARANJEIRA, R . **Custo Social e de Saúde do Consumo do Alcool**. Revista Brasileira Psiquiátrica, 26 (supl. I):7-10; 2004.

MENDONZA, Coralina Gómez; MARTÍNEZ, Carlos A. Leon; GUERRA, Luiz E. Pérez. El alcoholismo: una problemática actual. **Acta Médica del Centro**, Vol. 6, No. 4, 2012

MOREIRA, Deborah Pedrosa et. al . Exposição à violência entre adolescentes de uma comunidade de baixa renda no Nordeste do Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 5, Maio 2013 .

NARDI Fernanda Lüdke; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescentes em conflito com a lei : percepções sobre família. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, , Vol. 28 n. 2, p. 181-191. Abr/Jun 2012

NIEMANN, F. ; BRANDOLI, F. Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e da Matemática. **9 ANPED SUL**. 2012

NUNES, F. B. S. et. al. Retratos do cotidiano de meninos de cinco e seis anos: a atividade de brincar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 275-287, 2013.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 11, n. 2, Agosto 2006 .

OLIVEIRA, Marta Kohl O problema da afetividade em Vygotsky. Em LA TAILLE, Y., DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL da SAÚDE. **Relatório global de status sobre o álcool**. Geneva: Departamento de Saúde Mentale Abuso de Substâncias; 2004.

PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRO, Eva Diniz Bensaja dei. Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 17, n. 3, Dez. 2012.

PEREIRA, Maria Odete et. al . A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 7, n. 3, dez. 2011 .

PESCE, Renata P. et. al . Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 20, n. 2, ago. 2004 .

PINSKY, Ilana et. al. Patterns of alcohol use among Brazilian adolescents. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. vol 32, n.3, p- 242-249, 2010

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, Aug. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Nov. 2013.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 16, n. 34, Aug. 2006 . ISSN 0103-863

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.

ROQUE, Eliana Mendes de Souza Teixeira; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Desvendando a violência doméstica contra crianças e adolescentes sob a ótica dos operadores do direito na comarca de Jardinópolis-SP. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 10, n. 3, Junho 2002 .

ROZIN, Leandro; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Adolescentes que fazem uso nocivo/abusivo de álcool: percepção de risco e proteção para dependência. *Revista Eletrônica de Enf.*, v 15, n3, p. 687-695, 2013 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.19658>>. Acesso em: 31 jun 2014.

ROZIN, Leandro; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 25, n. 2, 2012 .

SALLES, M.M.; MATSUKURA, T.S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasi. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 265-273, 2013. ISSN 2238-2860

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. Um novo olhar sobre o conceito de abandono de crianças. **Revista: Acta Scientiarum. Humanand Social Sciences**, Maringá, v. 32, n 1, p. 63-72, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, vol.26, n.91, p. 361-378, Agosto 2005.

SARTI, Cynthia A. “Família e individualidade: um problema moderno”, In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A família contemporânea em debate**, São Paulo: Cortez, 2000

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 3, Set. 2005 .

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 8, n. 1, Abr. 2003 .

SENA, Edite Lago da Silva et. al. Alcoolismo no contexto familiar: um olhar fenomenológico. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 20, n. 2, Junho 2011.

SENAD. SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS. Laranjeira, R et. al. **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas; 2007

SENAD. SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS. **II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil : estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país** .CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. São Paulo ; 2005.

SENAD. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas, 2008.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 28, n. 1, Mar. 2012 .

SILVA, Léa Stahlschmidt P. et. al . O brincar como portador de significados e práticas sociais. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, Niterói , v. 17, n. 2, Dez. 2005.

SILVA, M. R. S. da. Família de alcoolista: o retrato que emerge da literatura. **Fam. Saúde Desenvolvimento**, Curitiba, v.5, n.1, p. 9-18, 2003

SILVA, Priscila Arruda da; Silva, Mara Regina Santos da; LUZ, Geisa dos Santos. Interações protetoras em famílias de alcoolistas: bases para o trabalho de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**; 20(2). p. 191-196, abr.-jun. 2012.

SILVA, Sílvio Éder Dias da; PADILHA, Maria Itayra. O alcoolismo na história de vida de adolescentes: uma análise à luz das representações sociais. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 22, n. 3, Set. 2013 .

SILVA, S et. al. Alcoolismo e a produção científica da enfermagem brasileira: uma análise de 10 anos. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2011 abr/jun;13(2):276-84. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v13i2.9616>>, Acesso em 31 jun 2014

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 26, n. 3, Sept. 2010.

SOUZA, Joseane de; JERONYMO, Daniela V. Zanoti; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 10, n. 2, Aug. 2005.

SOUZA, Sinara de Lima et al . A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 3, May 2010 .

TRAVERSO-YEPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verônica de Souza. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 14, n. 2, Dec. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Nov. 2013.

WAJSKOP, Gisella. **O brincar na educação infantil**. Caderno de Pesquisa. São Paulo. n 92. pg 62-69. 1995. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CD0QFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.fcc.org.br%2Fpesquisa%2Fpublicacoes%2Fcp%2Farquivos%2F742.pdf&ei=5VBdU_DjBuSgsASY8oHQAQ&usg=AFQjCNEhxHS9BpjbDDP DFOcedrPlye0bug&bvm=bv.65397613,d.cWc> Acesso em 27 de abril de 2014.